

Carvalho da Silva defende "novas formas de afrontamento" numa "nova era" económica e social

Lusa

07 Dez, 2012, 21:06

O docente universitário Manuel Carvalho da Silva disse hoje que Portugal e o mundo estão "na emergência de uma nova era", cabendo aos cidadãos criarem "novas formas de representação e afrontamento".

O ex-líder da CGTP, que intervinha na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), criticou "o fundamentalismo económico e gestor" dos governos, por ser "de trapaça e de mentira", apelando à "gestão de movimentos" que respondam à nova situação política e social.

"Para responder a isto, temos de ser criativos em termos de tempo e de espaço", acrescentou.

Carvalho da Silva participava na conferência "O precariado e o futuro do trabalho: como vencer o medo?", organizada pela FEUC e pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, na qual também interveio Guy Standing, da Universidade de Bath (Reino Unido), tendo assumido os comentários o sociólogo Elísio Estanque e o economista José Reis.

"A sociedade vai ter de despertar para vencer o medo", insistiu, ao preconizar a mobilização dos portugueses para defesa do Estado Social.

Realçando que o Governo português "decidiu fazer um corte" de 4,4 mil milhões de euros nas funções sociais do Estado, apresentando a medida como "o início de uma reforma do Estado Social", Carvalho da Silva disse que "isto é uma mentira".

Na atual conjuntura, tanto em Portugal, como na União Europeia e a nível mundial, "é preciso descobrir qualquer coisa que incomode o `outro`", nas diferentes "áreas da intervenção social e política", preconizou.

Desaparecerá o Estado Social "se não tivermos uma valorização do direito do trabalho", afirmou, considerando que este ramo do direito está "a ser completamente cilindrado".

Num tempo em que as pessoas, incluindo os desempregados e os trabalhadores precários, "têm um enorme medo e dificuldade em reagir", importa "desacreditar o que nos é imposto", defendeu o investigador do CES e docente da Universidade Lusófona.

É necessário "construir a esperança e a confiança", com "racionalidade e conteúdos concretos", tendo "a perspectiva de que este não é o único sistema e podemos encontrar outro", referiu.

A conferência coincidiu com a apresentação dos livros "Vencer o medo - Ideias para Portugal", de Carvalho da Silva, e "The precariat -- The new dangerous class", de Guy Standing.

O orador do Reino Unido dissertou sobre a situação e a capacidade de reação do precariado, enquanto classe social "constituída por milhões de denegados que não têm direitos".

Numa sociedade "dos que suplicam", é recusada a estes "denegados" a liberdade de gerirem "as suas atividades e o seu tempo", disse Guy Standing.

"Não é grande exagero se concluirmos que temos uma economia e uma



sociedade profundamente amorais, para não dizer imorais", comentou José Reis.

Poderá haver "capitalismo sem trabalho", constituído "apenas por máquinas e bolsas, especuladores e deserdados?", perguntou o economista e diretor da FEUC.

"Eu não sei se não estamos no início de uma nova, longa e negra Idade Média", admitiu.